

V3KP1-881006TsM31

CONCEPÇÃO MODERNA DO SOCIALISMO

Por Vadim Medvedev, membro do
Bureau Político e secretário
do CC do PCUS^{x)}

Em determinados períodos da história surge a necessidade de rever as conquistas e as perspectivas do desenvolvimento social. É evidente hoje que o socialismo enfrenta um novo desafio histórico e precisa de uma renovação profunda, qualitativa e acelerada. Essa necessidade não minimiza, porém, as realizações daquele regime social.

A partir dos fins da década de 70, começaram a afirmar-se tendências negativas no nosso desenvolvimento. Deixámos de ter superioridade em relação ao capitalismo quanto ao ritmo do crescimento económico. Começámos a atrasar-nos no domínio de tecnologias de ponta. Claro que a situação variava de um país socialista para outro. O quadro geral caracteriza-se, porém, pelo agravamento das dificuldades e travagem do desenvolvimento.

Chegou a hora de realizar mudanças profundas, renovar a sociedade soviética e reestruturar diversas esferas da vida social. As ciências sociais enfrentam, pois, tarefas responsáveis. Devemos explicar como será o edifício que está a ser construído no decorrer da perestroika? As principais atitudes e ideias da renovação que determinam o carácter da futura sociedade foram sintetizadas na XIX Conferência Nacional do PCUS e expostas no relatório de M.Gorbatchov. Tendo em conta essas ideias, os cientistas devem investigar os problemas actuais do desenvolvimento

x) discurso proferido numa conferência científica internacional em Moscovo.

social.

O principal componente da concepção moderna do socialismo é a interpretação leninista deste regime que surgiu na sequência da aplicação das ideias socialistas à prática revolucionária no nosso país. Há que não esquecer também que as concepções de Lenine evoluíram substancialmente depois da passagem do comunismo de guerra para a Nova Política Económica (NEP).

A interpretação dogmática do leninismo e o abandono dos princípios deste tiveram graves consequências. Seria errado explicar o período estalinista pelos erros táticos, a pressa e o desejo de alcançar o socialismo com um salto. A natureza dos erros e deformações é muito mais profunda e tem a ver com o desvio do projecto leninista e do carácter humanitário do socialismo.

As tentativas empreendidas nos anos 50 e 60 de criticar as deturpações teóricas de Staline e a aplicação das suas ideias erradas foram desvalorizadas e desacreditadas pela orientação subjectivista para uma rápida vitória económica sobre o capitalismo e a construção do comunismo no prazo de 15 a 20 anos.

No período de estagnação prosseguiu o abandono da metodologia leninista. Foi formulada a tese de que criámos uma sociedade do socialismo desenvolvido. Os cientistas viram-se envolvidos na discussão dessa falsa tese. Foi um período difícil para as ciências sociais. A fórmula que no início visava dar uma avaliação mais realista ao nível alcançado pela nossa sociedade e substituir a tese de construção do comunismo, mais tarde começou a ser usada para glorificar as conquistas e desviar a atenção da opinião pública dos problemas que exigiam solução imediata.

A ciência, o pensamento social e os meios de comunicação têm trabalhado intensamente nos últimos anos para identificar as deturpações do marxismo-leninismo e as suas causas. Infelizmente, têm sido feitas tentativas para desacreditar a herança leninista, os valores e os princípios do socialismo. A imprensa divulgou pontos-de-vista de acordo com os quais o sistema autoritário de gestão surgira já em vida de Lenine. Começaram a ser postos em dúvida o carácter socialista do nosso regime e mesmo a justiça

competência dos organismos centrais as mudanças estruturais, a política de investimentos, a realização de grandes programas técnico-científicos, a criação de condições favoráveis ao trabalho eficaz das empresas e uniões de produção.

O exercício do princípio político fundamental do socialismo que é o poder dos trabalhadores é outra importante tarefa que se coloca hoje ao nosso regime. Os trabalhadores devem participar na resolução dos assuntos estatais e sociais a nível nacional e "in loco".

Estamos a tentar criar no nosso país um novo sistema de poder e administração baseado numa democracia multilateral sob a direcção do Partido. O socialismo é uma criação das massas, uma sociedade dos trabalhadores e para os trabalhadores. O trabalhador não é um ser abstracto, pertence a determinadas comunidades sociais, nacionais e profissionais sendo expoente de certos interesses. O socialismo deve, portanto, criar um sistema político que leve em consideração a real estrutura social com interesses e aspirações diversificados dos grupos e comunidades de cidadãos.

Para o normal funcionamento do pluralismo socialista, é necessário formar e desenvolver uma ampla rede de associações e instituições que traduzam, de modo flexível e adequado, os interesses sociais diversos. Além disso, o Partido tem que alterar as suas funções e métodos de actividade por forma a torná-los mais democráticos. Em terceiro lugar, temos que instaurar um estado de direito, consolidar as bases jurídicas da vida social, alargar o esclarecimento político e jurídico e elevar o nível de cultura geral.

O PCUS está aberto para debates internos e a discussão de quaisquer problemas sociais a nível de organizações de massas e de pessoas sem partido. O Partido respeita o direito das organizações sociais a terem opinião própria, a defender a sua posição e interesses. Não há, pois, razões para criar partidos de oposição.

No desenvolvimento da democracia, atribuímos grande importância ao papel do Partido na vida da sociedade. O seu papel dirigente não deve ser enfraquecido ou interpretado como mera-

começa

Compa-
rar com
o mo-
likum
estalinis-
ta.

V3KRI-881010TsM30

Debates

MOVIMENTO OPERÁRIO NUMA ENCRUZILHADA

(Primeira parte)

Iuri Krassin, doutor em Filosofia

Movimento operário dos países capitalistas desenvolvidos teve de enfrentar na década de 80 um fenómeno conhecido como a "onda conservadora". O neoconservantismo substituiu a política estatal de regularização da economia e redistribuição do rendimento nacional levando em conta os interesses das camadas pobres da população. A nova doutrina apoia a iniciativa privada e é garante contra qualquer intervenção do Estado na economia".

O neoconservantismo é uma espécie de desforra social devido às conquistas alcançadas pelo movimento operário e democrático no pós-guerra. Chegou a pensar-se que a resistência da maioria da população faria recuar a "onda conservadora", que provocou o aumento do desemprego e ataques às conquistas sociais dos trabalhadores e reforçou as tendências agressivas do capitalismo. Todavia, o neoconservantismo não só não desapareceu como encontrou apoio entre as camadas mais desprotegidas da sociedade capitalista. Nesta situação, o movimento operário e os partidos comunistas e social-democratas devem elaborar uma nova estratégia de luta política.

O sucesso do neoconservantismo é resultado de mudanças profundas ocorridas no capitalismo em consequência do progresso técnico-científico. No limiar dos anos 70 e 80 a revolução técnico-científica nos países capitalistas desenvolvidos entrou numa fase qualitativamente nova, começou uma renovação tecnológica. A produção é modernizada rapidamente com a aplicação de tecnologias de ponta, computadores, sistemas de gestão automatizados e biotecnologias.

O neoconservantismo - primeira corrente política que perce-

do indivíduo que essa revolução cria. Os limites do paternalismo cultivado pelo neoconservantismo são demasiado estreitos. Os neoconservadores, embora pretendam privatizar os principais ramos da economia, têm de aceitar a intervenção do Estado para que possam realizar os grandes projectos socioeconómicos que propuseram.

As contradições do neoconservantismo servem de terreno a uma alternativa democrática, mas esta será impossível sem o reagrupamento das forças de esquerda e a formação da maioria democrática, unida com base numa plataforma de reformas em oposição ao neoconservantismo. É preciso criar um bloco de forças, integrado pelo proletariado e a classe média, interessadas no desenvolvimento democrático do capitalismo. Tal bloco não será análogo à Frente Popular. Implica a cooperação flexível entre diferentes partidos, organizações e movimentos, iguais em direitos, materializada através de diálogos, compromissos e acções conjuntas e paralelas.

A maioria democrática implica a existência dum programa alternativo ao neoconservantismo, programa amplo e flexível que sintetize os interesses diferenciados das classes operária e média, que constituem a maioria da população dos países capitalistas, e deve basear-se nas realidades da etapa actual do progresso técnico-cultural da sociedade capitalista. Já se esboçou em linhas gerais um programa de alternativa democrática como a plataforma de cooperação entre as forças democráticas na luta contra o neoconservantismo.

Tal programa deve incluir sobretudo reivindicações económicas - redução da jornada de trabalho sem alteração do salário a fim de atenuar as consequências do desemprego estrutural, organização dum sistema de reorientação da mão-de-obra custeado pelos monopólios e pelo orçamento de Estado. Essas medidas garantirão o emprego dos operários cujas profissões desaparecerão durante a revolução tecnológica. O desenvolvimento de um sistema de amortizadores sociais para atenuar os problemas originados pela reestruturação da produção e melhorar a situação das camadas

mais desprotegidas e marginalizadas pelo progresso técnico-científico assume grande importância. É ainda mais radical a reivindicação de aumentar os investimentos na cultura, ciência, arte, descanso e protecção do meio ambiente. Tal reorientação implicará mudanças políticas, as quais obrigarão o grande capital a fazer despesas que não proporcionem lucros imediatos.

Nesse grupo de exigências figura também a gestão democrática do capital accionista, controlado pelos trabalhadores proprietários de acções em resultado da formação dos fundos sindicais, de seguros, de investimento e outros.

*Juicía-
Olof Palme*

Podará o aumento do número de accionistas e dos fundos controlados pelas organizações operárias criar condições para a transformação da quantidade em qualidade? Os marxistas talvez devam rever o papel do capital accionista pertencente ou supervisionado pelos trabalhadores para tentar influenciar a política de investimentos das corporações.

Têm de ser igualmente tomadas medidas com o objectivo de ultrapassar a crise da civilização, como a garantia da sobrevivência da humanidade, a desmilitarização da economia, o desarmamento, a reconversão da produção militar e a canalização das verbas assim obtidas para a resolução dos problemas globais e o estabelecimento da nova ordem económica internacional. Essas medidas começam a ganhar carácter político.

A democratização das relações económicas através da participação cada vez mais ampla dos trabalhadores e das suas organizações na tomada de decisões e na administração das empresas e corporações, a limitação da intervenção burocrática do Estado na economia e, ao mesmo tempo, o aumento do papel deste na elaboração das orientações da política socioeconómica, levando em conta os interesses de todas as camadas da população, são objectivos na ordem de dia. Para combater o neoconservantismo há que criar um sistema universal e democrático de autogoverno das populações que esteja em condições de regularizar a produção e os processos sociais, o que o Estado de "bem-estar" não consegue fazer devido ao centralismo burocrático, que contém sempre